TEATRO

★ ★

do Romantismo aos nossos dias. CENTO

UCHON01635

uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

2.° volume

Costa Ferreira

António Joaquim da Costa Ferreira nasceu em Elvas, a 10 de junho de 1918.

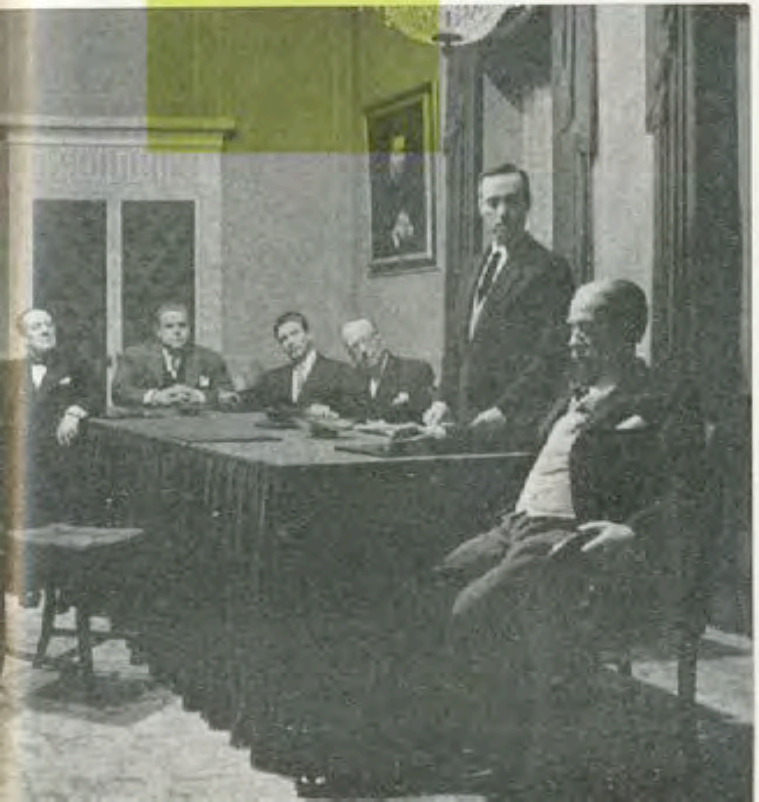
Obras principais: Teatro — A Tragédia do Riso *(1937; inédita)*; Nocturno *(Pátio das Comédias, 1948)*; Crianças criadas *(1948; inédita)*; Por um fio... *(Teatro da Trindade, 1950)*; O Tarzan do 5.º esquerdo *(1951; inédita)*; Trapo de luxo *(Teatro Nacional de D. Maria II, 1952)*; Milagre da rua *(Teatro Maria Vitória, 1952)*; Fuga para o Infinito *(1952; inédita)*; Quando a verdade mente *(Teatro da Trindade, 1955)*; Atrás da porta *(Teatro Monumental, 1956)*; Comédia das verdades e das mentiras *(Teatro Nacional Popular, 1956)*; Um dia de vida *(Teatro da Trindade, 1958)*; Um homem só *(Teatro da Trindade, 1959)*. *Traduções* — Os Novos Patrões, *de Paul Nivoix (1951)*; Daqui não saio, *de Raymond Vincy e Jean Valmy (1952)*; João Gabriel Borkman, *de Ibsen, em colaboração com L. F. Rebello (1954)*.

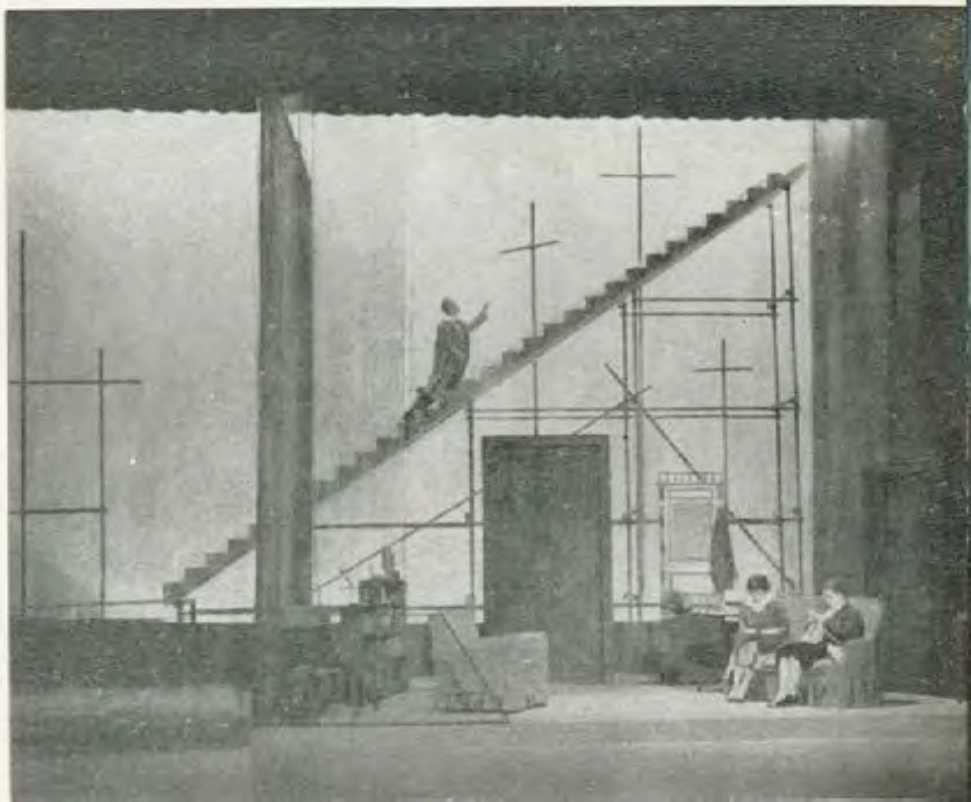
Embora aceitando em certa medida os limites e as convenções de um esquema dramático tradicional (cujas possibilidades de aproveitamento todavia se não esgotaram ainda), o teatro de Costa Ferreira, pela fria dissecação das personagens e pela análise lúcida das situações que entre si as prendem, transcende a moldura em que se enquadra, desvelando a mecânica interna do mundo burguês que, no seu aparente naturalismo, fielmente retrata. Mais explícito porventura em Um homem só *do que nas peças precedentes, o tema dominante do seu teatro é a solidão, a que estão igualmente condenados os aristocratas decadentes de* Trapo de luxo, *a burguesa de* Quando a verdade mente, *ou o banqueiro da peça incluída nesta antologia, em que se defrontam várias solidões paralelas e irredutíveis.* «Estamos aqui dentro desta sala todos isolados uns dos outros, como se o mar nos separasse», *diz uma das personagens, que logo a seguir acrescenta:* «E a verdade vai cortando pouco a pouco todas as pontes.» *Assim, ao longo dos três actos da peça, se desmembra e acaba por desfazer-se o «feixe de interesses» que é, na frase de outra personagem, aquela família — emblemática, aliás, da situação a que, na sociedade burguesa, a instituição familiar se degradou. E nessa crítica acerba de um mundo dessacralizado, que historicamente é o nosso, reside, ao que supomos, a modernidade do drama de Costa Ferreira.*

Representado pela primeira vez no Teatro da Trindade, a 9 de janeiro de 1959, Um homem só *teve como intérpretes Francisco Ribeiro, que também o pôs em cena,* no protagonista, *Rui de Carvalho* (Carlos), *Armando Cortês* (Gonçalo Nuno), *Carlos Wallenstein* (Tomás), *Josefina Silva* (Maria Joana), *Maria José* (Luísa), *Joaquim Rosa* (um Administrador), *Lili Neves* (Secretária), *Fernando Muralha* (Criado) *e, no papel de* Maria, *Maria Lalande.*

Costa Ferreira

Em cima, *Por um Fio* (T. da Trindade, 1950); em baixo, *Um Homem Só* (1959) e *Um Dia de Vida* (1958), no mesmo Teatro, encenados por Francisco Ribeiro





Costa Ferreira

UM HOMEM SÓ

Personagens:

ALBERTO SANTOS, setenta e três anos que se reconhecem fàcilmente nas rugas e nos cabelos brancos; no entanto tem uma energia física admirável e uma lucidez espantosa. À força de vontade e à inteligência que fizeram da sua vida um constante triunfo, juntou o tempo uma experiência amarga que lhe aguçou o sentido crítico. Autodidata, tem um respeito sagrado pela ciência e pela técnica que teve sempre a preocupação de dominar sòzinho. Como todos os velhos que não vivem num ambiente afectivo agradável, tem a preocupação permanente de justificar tudo quanto faz. Um sentimento vago de culpa torna-o inconscientemente agressivo.

CARLOS DA CONCEIÇÃO, quarenta e cinco anos elegantes, simpáticos, inteligentes. Profundamente orgulhoso, é no entanto uma pessoa sem qualquer sujeição à moral corrente. Filho de pai incógnito que tem pela mãe já morta a única ternura autêntica da sua vida e que cresceu e se fez homem num ambiente de vida fácil, nada lhe parece impossível. Cada acto é moralmente apreciado pelas suas consequências imediatas, sem raízes nem projecção em qualquer sistema. É portanto capaz de tudo, até dum acto heróico.

GONÇALO NUNO, quarenta e cinco anos débeis, doentes. A doença ajudou a criar-lhe uma carapaça de egoísmo. Inteligente mas duma preguiça mental confrangedora sempre que não se trata dum raciocínio que defenda um interesse imediato. Viveu sempre num ambiente de luxo que apenas lhe interessa pela segurança e conforto material que lhe dá. O convívio com o pai foi-lhe sempre incómodo. O convívio com a mãe agradável e fácil.

TOMÁS, cinquenta anos de homem de sociedade. Inteligente, solteiro e com uma pequena fortuna que tem gozado o melhor possível. Viajou muito, leu muito e através de si próprio crê numa humanidade conscientemente bondosa que um dia virá a tornar o mundo feliz.

MARIA JOANA, sessenta e cinco anos. Mulher de Alberto, mãe de Gonçalo e irmã de Tomás. Foi uma linda mulher e é ainda hoje uma senhora elegantíssima. Deixou-se conquistar por Alberto como troféu dum torneio, mais interessada pela vitória social do que pela vida conjugal. No entanto, que se saiba, nenhum outro amor agitou o lago tranquilo da sua vida sentimental. A moral comum constitui para ela uma segunda personalidade.

LUÍSA, trinta e nove anos. Mulher de Gonçalo e sem filhos, portanto, com uma pobre vida sentimental, refugiou-se em si própria. Ninguém sabe bem o que pensa ou o que quer; no entanto faz a vida de toda a gente como peça perfeita dum apurado mecanismo.

UM ADMINISTRADOR.

UMA SECRETÁRIA.

UM CRIADO.

MARIA, trinta anos. Pequena, insignificante, mas muito expressiva. É destas mulheres que não impressionam à primeira vista mas que tem um real interesse.

ACTO PRIMEIRO

Sala do conselho administrativo duma grande organização bancária. Ambiente luxuoso e pesado. Altos reposteiros de veludo vermelho guarnecem as três janelas francesas do fundo, entre cada janela retratos a óleo e molduras douradas de antigos presidentes do Conselho de Administração de épocas que podem oscilar entre 1910 e 1950. À direita e à esquerda altas portas almofadadas. Alcatifa fofa. A meio a mesa estreita e comprida do Conselho.

Ao subir o pano, sentado num dos topos da

mesa mas um pouco afastado dela numa atitude de desinteresse, Alberto. Em torno da mesa estão sentados Tomás e três administradores, está vago o lugar de Gonçalo e o primeiro administrador de pé está no uso da palavra.

1.º ADMINISTRADOR: ...Considerando portanto o grande valor moral dessa instituição, a missão cultural que a caracteriza e os altos interesses espirituais que defende, sou de opinião que o banco deve conceder o crédito pedido. *(Senta-se no meio dum silêncio pesado que se prolonga e em que todos olham Alberto. Alberto como que acordado pelo silêncio duma longa meditação, pigarreia e volta-se para a mesa.)*

ALBERTO: Bem. Concluindo ràpidamente: aqui à mesa deste conselho administrativo tratam-se apenas de negócios, isto é, de investimentos lucrativos. Os valores culturais, espirituais e morais estão todos entregues ao Instituto Alberto dos Santos. Parecendo-me portanto inconveniente desarrumar uma organização que até agora tem provado ser eficiente e realizar melhor do que qualquer outra os seus fins económicos e sociais, acho que o crédito pedido deve ser recusado. *(Pausa em que um por um fita os restantes membros do Conselho.)* Estamos todos de acordo, não é verdade? *(Pausa em que o 1.º administrador abaixa a cabeça.)* Óptimo! Há mais algum assunto na agenda?

1.º ADMINISTRADOR: Não.

ALBERTO: Então podemos dar a sessão por encerrada. Passem muito bem, meus senhores e muito obrigado. *(Todos vão apertar em silêncio a mão de Alberto que continua sentado e saem pela esquerda, à excepção de Tomás que permaneceu sentado no seu lugar no outro extremo da mesa. Depois dum silêncio, Alberto dá com ele:)* Ah, ainda aí estás?

TOMÁS: Preciso de falar contigo.

ALBERTO: Quanto é?

TOMÁS *(sorrindo)*: Desta vez não é nada.

ALBERTO: Ai não?!

TOMÁS: Desde que tiveste a bondade de me encarregar de concordar contigo uma vez por semana e juntaste aos meus parcos rendimentos um ordenado de administrador, eu deixei de ter faltas de dinheiro...

ALBERTO: ...Ainda bem...

TOMÁS: ...E posso ser, com independência, dignamente, o cunhado dum homem como tu.

ALBERTO: Então fala depressa.

TOMÁS: A Maria Joana pediu-me para te preparar para teres com ela uma cena desagradável.

ALBERTO: De que se trata?

TOMÁS: A minha irmã, apesar de já ser tua mulher há mais de quarenta e cinco anos, ainda não se habituou a ouvir o teu vocabulário quando te irritas, portanto pediu-me para vir à frente dizer-te do que se trata, ouvir os teus palavrões e depois mandá-la entrar. Tens que a desculpar: coitada, ela foi educada num colégio de freiras.

ALBERTO *(assoprando)*: Eu sei. Fala!

TOMÁS *(levantando-se e falando depois duma pausa)*: Não é fácil. Eu habituei-me talvez por pudor a nunca falar a sério contigo e desta vez é impossível dizer-te o que tenho a dizer, no tom de quem brinca. Trata-se do Gonçalo Nuno.

ALBERTO *(dominando um sobressalto)*: Está pior?

TOMÁS: Está.

ALBERTO: Porque razão não me disse ele nada?

TOMÁS: Talvez ainda o não saiba.

ALBERTO: Que diabo! O rapaz é tão parvo que nem sabe quando está doente?

TOMÁS: O teu filho apesar de se aproximar já dos cinquenta anos e de ser inteligente, está tão habituado a não ter saúde que...

ALBERTO: Que o quê? Acaba.

TOMÁS: O outro rim também está atacado. *(Pausa.)*

ALBERTO *(erguendo-se)*: Quer dizer então que está perdido?

TOMÁS: Talvez não, e é precisamente por isso que a Maria Joana quer falar contigo.

ALBERTO: Quer mandá-lo a algum santo para que o cure? Essas coisas fazem-se sempre às minhas escondidas e não é costume pedirem-me autorização.

TOMÁS: Não se trata disso. Como sabes veio a Portugal a um congresso o Dr. Schwartz que é a maior autoridade mundial na especialidade. Foi a Cascais ver o Gonçalo, teve uma conferência com os especialistas portugueses e há ainda uma esperança.

ALBERTO *(numa explosão)*: E vêm pedir-me autorização para terem esperanças?

TOMÁS *(não podendo dominar um sorriso)*: De certa maneira, vêm.

ALBERTO: Trata-se de qualquer operação fabulosa. *(Duro:)* Eu supus que tinha o direito de esperar que a família de Alberto dos Santos não recasse nunca gastar dinheiro.

TOMÁS: Não se trata só de dinheiro.

ALBERTO: Então explica-te com mil raios, estou farto de adivinhar!

TOMÁS: A Maria Joana é que te poderá expor concretamente o assunto, mas para isso terá que tocar em aspectos muito delicados da vossa vida conjugal e precisa de ter a certeza de que tu te vais dominar.

ALBERTO: Quem ouvisse isso havia de pensar que eu bati alguma vez na minha mulher!

ÍNDICE

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII

Introdução IX

1. *Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa* XIII
2. *Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett* XV
3. *Garrett e a restauração do teatro português* XVI
4. *Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia* Catão *e a geração liberal de 1820 — O exílio* XVII
5. *O* Auto de Gil-Vicente, *início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o* Frei Luís de Sousa *— As últimas peças de Garrett* XIX
6. *O equívoco do teatro histórico ultra-romântico* XXI
7. *O melodrama histórico da década de 1839-50* XXIII
8. *O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo* XXVIII
9. *A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo* XXXII
10. *A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro* XXXIII
11. *Outros encontros da «geração de 70» com o teatro* XXXVII
12. *Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português* XXXIX
13. *Revivescência do teatro histórico — A* Pátria *de Junqueiro* XLI
14. *O realismo dos* Velhos *de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas* XLV
15. *Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista* XLVII

16. *O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes* XLVIII
17. *O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira* L
18. *Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão* LIII
19. *Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício* LIV
20. *Situação do teatro português entre 1918 e 26* LVI
21. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional* LVIII
22. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: A sátira de costumes* LIX
23. *O teatro de Alfredo Cortez* LXII
24. *A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro* LXIII
25. *O teatro português na década de 30* LXV
26. *O modernismo no teatro português* LXVIII
27. *O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental* LXXII
28. *Situação actual do teatro português* LXXIII
29. *O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos* LXXVIII
30. *Conclusão* LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente 1
Gomes de Amorim: Fígados de Tigre 21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa 53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflor 71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar 105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema 121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha 143
Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã 171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre 189
Eduardo Schwalbach: Os Postiços 217
Fernando Pessoa: O Marinheiro 275
Vitoriano Braga: Octávio 283
Carlos Selvagem: Entre Giestas 303
António Patrício: D. João e a Máscara 341
Ramada Curto: O homem que se arranjou 371
Raul Brandão: O Avejão 397
António Botto: Alfama 403
Alfredo Cortez: Gladiadores 427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traiçoeiro 449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos 473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente 493

Alves Redol: Maria Emília 519
Branquinho da Fonseca: Curva do Céu 529
José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe 535
Almada Negreiros: Antes de começar 559
João Pedro de Andrade: Continuação da comédia 567
Jorge de Sena: Amparo de Mãe 575
Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte 581
Bernardo Santareno: A Promessa 597
Costa Ferreira: Um homem só 623

Nota Final
Nota Bibliográfica
Índice dos Nomes Citados no Prefácio

Principais Correcções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	includo	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, *episódios em 1 acto* (1902); O Rei Maldito, *peça histórica em 5 actos*, e A Noite do Calvário
121	31	*solicitados, por*	*solicitados por*
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade *(1953)*	Voz da cidade *(1952)*
427	7	*Henri Josset*	*André Josset*
575	17	*causa*	*acusa*
575	18-19	*épocas «ad libitum», permutáveis*	*épocas, «ad libitum» permutáveis*
581	22	*(1960)*	*(1961)*
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.